.O conto de fadas: o imaginário infantil e a educação. In Revista Criança, Brasília, n.38, p.11, 2005.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: teoria e prática. São Paulo: Editora Ática, 1995 p. 176.

CENPEC. Entre na roda: leitura na escola e na comunidade 1, 2 e 3 - Ensino Fundamental. São Paulo Cenpec, 2006.

FANNY Abramovich, Literatura infantil: gostusuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997, p.176.

O ESTUDO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

E AS PRÁTICAS UTILIZADAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

ROSANGELA PEREIRA SANTOS

RESUMO

O ensino da disciplina de História voltada para o tema da Segunda Guerra Mundial, demonstra entre outras questões, a clareza dos esforços norte-americanos em alinhar os países latino-americanos com seus outros aliados, próximo ao início da guerra. No caso brasileiro, ante de um lapso de hesitação em negociar, o governo Vargas achou por bem alinhar-se aos Estados Unidos contribuindo assim com o envio de tropas militares. Já no caso da educação, atualmente, não só no contexto desse tema, mas, trabalhar a disciplina em si tem se tornado bastante complexa, exigindo novos métodos de ensino que fazem com que os docentes tenham que buscar por diferentes abordagens e estratégias que além de ensinar, consigam prender a atenção dos estudantes. Assim, o presente artigo versa sobre o ensino de História e o tema da Segunda Guerra Mundial, de forma que os estudantes aprendam de forma diferenciada sobre o assunto. Os resultados encontrados demonstraram que o tema pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, contribuindo para uma aprendizagem efetiva por parte dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial; Educação; História.

1 INTRODUÇÃO

O contexto educacional brasileiro, mais apropriadamente na década de 1980, trouxe a proposição de um novo contexto para o ensino de História nas escolas, pensando no contexto de estudantes com experiências não muito positivas em sala de aula e docentes que brigavam por melhores condições trabalhistas.

Assim, o contexto da época exigia uma nova visão de ensino para a disciplina trazendo propostas que contemplassem uma nova produção cultural e do mercado de trabalho.

Desta forma, o ensino de História passou a receber outro direcionamento, o de formar uma sociedade mais democrática. Porém, como problemática temos o ensino de História do ponto de vista da Segunda Guerra Mundial, onde muito se valorizava o massacre resultante de seis anos de guerra.

Assim, o tema pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, contribuindo para uma aprendizagem efetiva por parte dos estudantes, principalmente se a guerra

for discutida do ponto de vista do desenvolvimento científico e tecnológico.

Como objetivo geral temos a discussão do contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, e como objetivos específicos temos a discussão do ensino de História nesse contexto, bem como estratégias que se tornam interessantes para serem trabalhadas junto aos estudantes, fazendo com que o ensino de História fizesse com que os docentes repensassem na sua prática, a fim de transformar o ensino de História a partir de metodologias diferenciadas.

Os resultados encontrados demonstraram que o tema pode ser estudado a partir de diferentes formas e estratégias, contribuindo para uma aprendizagem e um maior desenvolvimento da criticidade por parte dos estudantes

2. DESENVOLVIMENTO

O CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A formação do trio Estados Unidos, Alemanha e Brasil ocorrido na década de 1930, bem como a entrada brasileira na Segunda Guerra Mundial no ano de 1942, foi resultante de um processo complexo e diplomático. Na época, o governo Vargas, já vinha se encaminhando para tal desde a Revolução de 1930 e na sequência da

implementação da ditadura, abrigando diferenças em um mundo polarizado devido ao nazismo na Alemanha de 1933. Assim, Vargas explorou a polarização

internacional que vinha ocorrendo para garantir seus interesses (HENTSCHKE, 2006).

Historicamente, a Segunda Guerra Mundial foi em todo o seu contexto uma continuidade da Primeira Guerra, já que tinha o envolvimento das principais potências europeias, com motivos e protagonistas semelhantes. Além dos conflitos de caráter diverso, a guerra foi marcada pela pelos problemas econômicos mundiais que precederam o começo dela e pela permanência da União das Repúblicas

Socialistas Soviéticas (URSS), já que esta possuía alto poder econômico e militar em 1930.

Nesse caso, a Segunda Guerra Mundial não foi uma continuidade natural da primeira, pois, ela poderia ter sido evitada. Porém, os massacres em massa, ocorreram de forma mais corriqueira na Segunda Guerra Mundial, voltada em especial para a população civil, especialmente na Europa.

Haviam 60 milhões de homens armados, dos quais aproximadamente 50 milhões morreram (a maioria pertencente a população civil), sem contar as demais vítimas que vieram a óbito pela fome, pelas doenças e epidemias, resultado indireto dessa guerra, no total de seis anos.

Assim, essa guerra foi considerada a mais sangrenta de todas. No ano de 1939, depois de formalmente iniciada a partir das declarações entre as maiores potências europeias, diversos países já se encontravam em guerra, como a Itália, a Etiópia, o Japão e a China (HOCHMAN, 2007).

Ainda, outra questão nos chama a atenção: O racismo existente durante a Guerra não era exclusivo dos nazistas, uma vez que as experiências científicas foram compartilhadas. Mais tarde, os americanos reconheceram ter utilizado aproximadamente seiscentas pessoas para provas nuclea-

res, incluindo indivíduos que morreram após terem sido submetidos a injeções de plutônio:

A guerra não é um domínio das artes ou das ciências, mas um elemento do tecido social. Constitui um conflito de grandes interesses solucionado de maneira sangrenta, o que a diferencia de todos os outros conflitos. Antes de comparar a guerra com uma arte qualquer, caberia fazê-lo com o comércio, que é também um conflito de atividades e interesses humanos, e inclusive se assemelha muito à política, que por sua vez pode ser considerada como uma espécie de comércio em grande escala. A política é a matriz em que se desenvolve a guerra (CLAUSEWITZ, 1984, p. 17).

Porém, ainda de acordo com o autor, duas áreas do conhecimento desenvolveram-se de forma acentuada durante a guerra: a primeira foi a produção e recepção das ondas eletromagnéticas e sonoras, vitais para detectar a presença de aviões, navios e submarinos, originando a fabricação de novos equipamentos, que apresentavam grande sensibilidade e operavam em um comprimento de onda menor. A criação do radar ocorreu no ano de 1935, sendo capaz de detectar objetos à distância, mesmo em condições precárias para o olho humano; já a segunda, envolveu o desenvolvimento da energia nuclear, coincidindo com o começo das operações militares e do uso da bomba atômica.

Seitenfus (2000) explica que no caso do Brasil, a Alemanha foi o país que obrigou que o mesmo participasse efetivamente, ao provocar o impedimento da navegação comercial brasileira no Atlântico, em especial, na região dos Estados Unidos. Em 1942, os submarinos alemães encontravam-se no Caribe, no Atlântico, no Caribe e ao longo do litoral brasileiro.

Assim, ainda de acordo com o autor, foram convocados efetivos e reservistas militares, e também parte da população civil. Muitas mulheres foram recrutadas para trabalhar nos hospitais como enfermeiras e o ensino nas escolas geralmente permeavam temas como guerra, amor à pátria, soldados, entre outras questões:

Permita-me congratular Vossa Excelência por mais esse passo, firme e corajoso do nosso governo, ampliando a colaboração do Brasil com os Estados Unidos aos campos de batalha em que se decide a sorte do mundo e, portanto, a nossa. Com sua clarividência política habitual e esse amor efetivo ao Brasil, que todos lhe reconhecem, Vossa Excelência vai levar o país a associar-se a uma luta vital para a América e dar-nos lugar de honra e sacrifício entre os povos conscientes de sua responsabilidade no momento histórico atual, em que se decide o futuro da nação (CARVALHO,

1952. p.294).

No ano de 1940, algumas causas foram apontadas para a deflagração da Segunda Guerra como a desarmonia dos impérios coloniais ricos, como no caso da França e da Grã-Bretanha, e dos impérios mais arrasados como Itália e Alemanha.

Porém, entre 1914 e 1945, o ser humano acompanhou a maior revolução científica da história. O que não foi desenvolvido durante dezenove séculos, foi desenvolvido em apenas trinta e um anos. Ao mesmo tempo em que a humanidade presenciou uma grande destruição a nível mundial, as guerras ao mesmo tempo resultaram em um avanço científico e tecnológico jamais visto

até então (FERRO, 2002).

Após o término da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945, o que sobrou foram dois sentimentos antagônicos: pavor e esperança. A quantidade de corpos nos campos de concentração dos nazistas, diversas cidades arrasadas pelos bombardeios, fez com que ninguém mais duvidasse da degradação do ser humano, da morte, da dor, da destruição política, da força dos exércitos e do avanço das tecnologias bélicas (HOCHMAN, 2007).

Por outro lado, a guerra trouxe novos conhecimentos ao campo científico, carregando verdadeiras revoluções por parte dos transportes, das comunicações, do processamento de dados, entre outros fatores. A utilização cada vez mais intensa da Ciência e da Tecnologia, fez com que o ser humano buscasse o domínio da natureza, a produção de riquezas, a erradicação de doenças, de forma a eliminar a desumanidade.

A crise política, social e econômica que ocorria antes do conflito militar que durou cerca de seis anos e que ocasionaram a guerra, deveriam agora ser evitadas mediante o resultado. Os Estados nacionais precisavam se mobilizar a fim de desenvolver o crescimento econômico, intervindo nas sociedades realizando mudanças necessárias e prevenindo a emergência de desequilíbrios e conflitos que pudessem desestabilizar os sistemas sociais (HOCHMAN, 2007).

PRÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Discutindo ainda o momento histórico, o ensino de História contextualizado no currículo, segundo Bittencourt (1998), teve por objetivo redemocratizar a educação após o período da ditadura militar, iniciando-se na década de 1980 e discutindo sobre quais seriam os conteúdos tratados no novo currículo da disciplina.

Assim, com a definição de que o conteúdo deveria ser pautado em uma nova produção sócio cultural, o estudante também precisa compreender que a História conta os acontecimentos como forma de compreender os acontecimentos, as mudanças e a sociedade atual a qual vivemos, além de visões diferenciadas para um mesmo fato onde a aprendizagem da história em geral não pode ser vista como uma verdade absoluta.

Para isso o docente deve fazer com que o estudante seja protagonista do seu conhecimento, direcionando o ensino para o levantamento de hipóteses, a leitura e a reflexão, a busca pela contextualização, a comparação, entre outras competências e habilidades que façam com que esse estudante se desenvolva e se torne um cidadão critico perante as situações adversas que o mundo sofre.

O ensino de História deve ser percebido como fator importante na formação da cidadania. A disciplina deve contemplar dentro do currículo também a responsabilidade voltada para o social e desenvolver a criticidade de todas as formas possíveis. Assim, o estudo do contexto histórico, internacional e nacional, faz com que o estudante compreenda que também faz parte desse contexto histórico, compreendendo quais foram os processos que ocorreram ao longo da existência da civilização a fim de que chegassem aos resultados que encontramos atualmente (DAVID, 2001).

De acordo com os Parâmetros Curri-

culares Nacionais (PCN) é necessário mudar a visão do ensino de história como algo passivo e de caráter obrigatório, buscando-se práticas diferenciadas, despertando o interesse a curiosidade do educando, os debates, a troca de experiências, os projetos, a contextualização e a interdisciplinaridade fazendo com que o estudante compreenda que a história está presente e conversa com todas as disciplinas.

Outra situação que é apresentada no ensino de História é que nos dias atuais não cabe mais, trabalhar o ensino de História baseado no sistema tradicional apenas baseada na oralidade e nos livros didáticos.

Hoje a sociedade do conhecimento, requer do docente a utilização de diferentes formas de expressão e recursos, fazendo uso de letras de músicas, cartazes, artigos científicos, textos variados, jornais, documentários, fotos, gravuras e imagens, cartazes, projetos, filmes entre outros materiais que venham a enriquecer as aulas de História, desenvolvendo a curiosidade e estimulando a participação do estudante (BITENCOURT, 2003).

O debate em particular é uma forma muito interessante de estudar História uma vez que estimula o raciocínio e os questionamentos relacionados a determinado fato histórico, trazendo questões e levantando possíveis hipóteses e soluções para os problemas encontrados.

Quanto ao uso de gravuras, figuras, imagens e fotografias, elas costumam estar presentes no livro didático, mas também nada impede que o docente busque outras imagens fora desse material para contextualizar determinado assunto.

Isso reflete na própria escola do material didático também uma vez que muitas vezes o que vemos no contexto escolar é a escolha do livro didático por parte docente sem que haja um aprofundamento daquilo que o livro traz sobre o ensino de História. Muitos escolhem o livro por conta das gravuras e imagens que o livro traz. É verdade que as imagens são utilizadas para ilustrar e contextualizar o que está registrado na forma de escrita, porém, é necessário pensar se realmente aquela gravura ou imagem exprime exatamente o que se quer o estudante apreenda (BITENCOURT, 2003).

Ou seja, é preciso questionar a imagem que será trabalhada de forma consciente, perguntando-se qual a sua origem, o que ela indica e com que objetivos foi escolhida para tal.

Assim:

Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhes são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho que enfrenta, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente

(BITENCOURT, 2003, p. 89).

Outra forma de melhorar o ensino de História e consequentemente aprendam sobre a Segunda Guerra Mundial, é fazer com que os estudantes produzam pesquisas e apresentem na forma de seminários e trabalhos em grupo. Além de desenvolver o conteúdo histórico, ainda é possível desenvolver habilidades como o uso de tecnologias onde os estudantes podem produzir

conteúdo na forma de slides, vídeos, mapas conceituais, entre outros materiais.

Outro projeto que pode ser desenvolvido no ensino de História é a utilização da Ludicidade dentro do contexto histórico. Brincar é uma das formas que o homem tem para aprender e evoluir, e no Ensino Fundamental principalmente a criança/jovem sente falta das brincadeiras que eram pertinentes a Educação Infantil. De acordo com Ide trabalhar com o lúdico é essencial para promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes:

O jogo não pode ser visto, apenas como um divertimento ou brincadeira para gastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral (…). As crianças ficam mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem: sendo assim, esforçam-se para superar obstáculos, tanto cognitivos quanto emocionais. Estando mais motivadas durante o jogo, ficam também mais ativas mentalmente (IDE, 1993, p. 96).

Outra forma de ensinar História citada anteriormente é a partir da utilização de vídeos e documentários. Esses materiais permitem que o estudante interaja melhor com o texto que foi lido e discutido, com as ilustrações e com os contextos históricos apresentados complementando assim seus conhecimentos. Assim, é possível refletir sobre os diferentes aspectos que envolvem determinado assunto, além de tirá-los da sala de aula e colocando-os em outro ambiente, como a sala de informática ou de vídeo, por exemplo, o que já traz uma diferenciação no processo de ensino. Pode-se também utilizar música no contexto escolar. O uso da música torna as aulas mais dinâmicas, e o tipo de letra pode contextualizar o momento histórico no qual o país, por exemplo, estava passando (DAVID, 2001).

Quando, por exemplo, se trabalha o conteúdo relacionado à Ditadura Militar e o golpe de 1964, é interessante conceituar para os estudantes que nessa época, houve uma verdadeira perseguição em relação aos meios de comunicação, sendo que a música popular brasileira era uma das principais formas utilizadas para contestar essa época. Inclusive, muitas letras traziam a insatisfação em relação ao regime e inúmeros compositores sofreram com a censura e a perseguição (MARTINS, 2007).

Assim, usar esse contexto no ensino de História, exemplifica que a música fez parte e virou registro de diferentes momentos da História do Brasil. Ainda outros exemplos podem ser utilizados como exemplo, a música caipira, que traz aspectos do coronelismo; as músicas ufanistas, que tratam dos interesses dos governos autoritários; entre outras.

No caso do ensino por projetos, o ensino de História também pode ser contemplado através de ferramentas. Até então o ensino da disciplina permeava sempre questões eurocêntricas colocando o negro e o indígena como seres “inferiores”, retratando tanto de uma cultura quanto da outra, o lado negativo sofrido por eles no momento da colonização brasileira pelos portugueses (BARBOSA,

2008).

Assim, após intensa busca pelos direitos, movimentos sociais conseguiram fazer com que os governantes tentassem minimizar a dor causada nessas populações ao longo de todos os séculos, tentando diminuir ao máximo as mazelas sofridas por

esses povos.

Assim, a ideia de se trabalhar com temas históricos, como no caso da Segunda Guerra Mundial, é para tentar evitar ao máximo que situações como racismo, desrespeito e discriminação, aconteçam, e por isso, a necessidade das escolas em debater temáticas referentes ao tópico a fim de colaborar para o conhecimento do indivíduo como sua história social e cultural, conhecendo mais sobre seu núcleo, e aprendendo a valorizar o outro (BARBOSA, 2008).

Desta forma o ensino por Projetos pode envolver todas essas questões através de sequências didáticas que possibilitem aos estudantes desenvolver diferentes competências e habilidades.

A Pedagogia de Projetos está voltada para a organização de práticas pedagógicas que proporcionam uma aprendizagem mais dinâmica, interativa, em que o docente se torna mediador, retirando o estudante da passividade e assumindo a posição de construtor do seu próprio conhecimento.

Barbosa e Horn discutem que:

Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginários, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização. Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de grupo, um modo próprio de abordar ou construir uma questão e respondê-la (BARBOSA e HORN, 2008, p.31).

Assim, trabalhar com projetos traz novas perspectivas ao ensino de História. Todo conhecimento é construído com base no contexto em que é utilizado, sendo impossível separar os aspectos cognitivos do estudante, das suas emoções e da sua socialização durante o processo.

Ainda, o processo é complexo, e deve entre outras situações contemplar os conhecimentos prévios desses estudantes. Eles só irão se desenvolver de forma plena se participarem, experienciarem, sentirem, agirem, solucionarem problemas, entre outras situações. O que fica são as experiências proporcionadas, os problemas vivenciados e as ações desencadeadas (MARTINS, 2007).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), voltada para o ensino de História distinguem os objetivos que se pretende atingir no nível de Ensino Fundamental a fim de formar cidadãos críticos, reflexivos e conscientes. Ainda os PCN's trazem

uma proposta de ensino baseada em eixos temáticos, fundamentando-se na perspectiva de que um determinado tema já traz consigo a totalidade do social. Esta concepção faz com que mudanças sejam extremamente necessárias dentro da prática pedagógica.

Assim, é necessário superar a dicotomia existente entre ensino e pesquisa por meio da utilização de documentos de várias origens, recursos e motivações que devem ser inerentes ao estudo em questão, como ocorre no caso do estudo da Segunda Guerra Mundial.

Nesse tipo de abordagem, a seleção e a exploração do material didático tem a proposição de utilizar diferentes linguagens, trazendo o entendimento de que o material didático para o estudo da História está relacionado diretamente com as suas fontes, expressando as mais diversas ma-

nifestações do ser humano e suas relações sociais; além da própria história registrada e representada através de diferentes linguagens como as músicas, as fotografias, os documentários e filmes (DAVID, 2001).

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História passou por mudanças profundas nos últimos tempos, principalmente relacionadas as Políticas Públicas e os conteúdos a serem ministrados tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Várias são as formas de se trabalhar com os conteúdos, cabendo ao docente diversificar ao máximo fazendo com que os estudantes se interessem pela matéria e principalmente interajam e aprendam tornando-se cidadãos críticos.

No caso da Segunda Guerra Mundial é interessante trabalhar não só o contexto histórico e a participação do Brasil ao longo da guerra, mas, também trazer discussões a respeito dos grandes avanços científicos e tecnológicos resultantes desse período. A partir dessa perspectiva é possível contribuir para que o estudante se desenvolva intelectualmente, socialmente e mentalmente, tornando-se um ser crítico e independente.

Assim, quando o docente escolhe trabalhar com esse tipo de metodologia, ele traz para o estudante mais significado em relação ao conteúdo estudado, pois, isso envolve a interação de vários atores sociais, mesmo que estes estejam diretamente envolvidos no processo ou não.

REFERÊNCIAS

FERRO, A.L.A. O Tribunal de Nuremberg. Dos precedentes à confirmação de seus princípios. Belo Horizonte, Editora Mandamentos, 2002.

BARBOSA, M.C.S.; HORN, M.G. Projetos Pedagógicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BITTENCOURT, C.M.F. (org.). O saber histórico na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BITTENCOURT, C.M.F. Propostas curriculares de história: continuidades e transformações. In: Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras [S.l: s.n.], 1998

CARVALHO, E.L. A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: A Noite, 1952, p.294.

CLAUSEWITZ, K.V. De la Guerra. Barcelona, Labor, 1984, p. 17.

DAVID, C.M. Mudanças e resistências que permeiam o processo ensino aprendizagem em história: uma revisão historiográfica e pedagógica no ensino público fundamental de Franca. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2001 (Cadernos de pesquisa, n. 2).

HENTSCHKE, JR. Vargas and Brazil: new perspectives. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

HOCHMAN, G. Agenda internacional e políticas nacionais: uma comparação histórica entre programas de erradicação da malária e da varíola no Brasil. In: HOCHMAN, G.; ARRETCHE, Marta e MARQUES, Eduardo. Políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.